

Setembro Amarelo – “Sobreviventes de si mesmos”

A matéria “Sobreviventes de si mesmos”, publicada pelo Diário Catarinense em setembro de 2015, traz depoimentos de sobreviventes do suicídio que, após o tratamento correto da doença psiquiátrica de base, retomaram normalmente a sua vida.

Esses relatos inspiradores, dentre outros, podem ser acessados através do [link](#):

Todas as terças-feiras, por volta das 15h, o simpático senhor de cabelos alinhados e óculos de aros grandes circula pelos corredores do hospital da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. Carrega uma maleta e um sorriso. Distraídos costumam o confundir com um médico, mas o aposentado Valci Fernandes, 51 anos, é paciente e coordena o grupo psicoeducativo da instituição.

Diagnosticado com esquizofrenia aos 22 anos, gosta de ajudar os colegas. Fala inclusive sobre o surto que teve aos 26 anos, quando tentou se matar. Foi em dezembro de 1989. Ele deixou a residência e partiu em direção aos carros numa rua do bairro Vila São João, na Capital. Valci foi agarrado a tempo pela namorada da época:

– Já havia pensado em me matar. Mas não era eu, era a doença.

Dois anos depois, fez um voto de fidelidade a Deus e largou as drogas e o álcool e começou a seguir o tratamento corretamente.

– Foi como nascer de novo, como se tivesse uma vida nova.

Mas foi aos 50 anos que realizou seu sonho: ter uma companheira. No grupo do Hospital Universitário ele conheceu a futura namorada, que também tem esquizofrenia. Os dois moram juntos há um ano e meio. Valci recebe ligações todo tempo dos outros pacientes e fica contente ao saber que estão bem e tomando os medicamentos.

Usar a própria história para ajudar os outros. Esse também é o objetivo da dona de casa Mariza Molinari, 51, de Chapecó. Ela costuma falar abertamente sobre a depressão e sobre a primeira – e pior – crise que teve, no início de 2010. Sem fome e com um sentimento perturbador de ansiedade, Mariza procurava ajuda em clínicos gerais e neurologistas. O resultado era sempre o mesmo: saúde em ordem. Mesmo com o apoio do marido e do filho, surgiram os pensamentos de tirar a própria vida.

– Só pensava em como acabar com aquela ansiedade – recorda Mariza.

Mariza planejava passo a passo. Esperava ficar em casa sozinha e, em duas ocasiões, chegou a pegar uma faca para se suicidar. Mas num momento de lucidez, pensou no amor da família e desistiu. Poucos meses depois, tentaria outra vez com uma espingarda. Novamente pensar nos familiares a salvou.

– Achava que psiquiatra era só para louco. Minha nora me convenceu e quando cheguei na frente do médico implorei por ajuda.

Hoje a dona de casa faz questão de contar sobre as tentativas e a depressão. Defende que abordar o tema é a melhor maneira de ajudar na prevenção e no combate ao preconceito.